

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

Dentro e fóra da capital:
2\$000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO:

100 rs.; numero atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

A Semana — Historia dos sete dias — Valentim da Costa — A caiega do « engraxate », Valentim Magalhães — A musica do futuro, Iguotus — N'um carro de bois, soneto, Luiz Delfino — Arthur Barreiros, Gaspar da Silva — Moralidade da imprensa, C. Regazoli — Os rouxinões do cemiterio, Alph. Daudet — Novo meio de piratagem litteraria — Os sete peccados mortaes, Th. de Banville — Theatros — A vida elegante, Lorgnon — Recebemos — Tratos á bola, D. Pastel — Correio — Consultas — Annuncios especiaes — Annuncios.

A SEMANA

Com o presente numero terminamos o nosso primeiro trimestre. Aos nossos esforços tem, felizmente, correspondido o favor e a benevolencia do publico. Para continuar a merecel-a não nos pouparemos trabalho nem sacrificios. Assim é que daremos em o nosso n. 14, primeiro do 2º trimestre, uma pagina illustrada, reproducção lythographica de um curioso e moderno retrato de Guerra Junqueiro e de um magnifico padre, com quem teve o grande poeta portuguez a estranha fantazia de retratar-se.

Esse trabalho está confiado á reconhecida competencia do eximio *crayonista* Valle.

Além d'isso, contratou a empresa com o joven e distincto pintor Firmino Monteiro, que vae trabalhar dois annos em Paris, a publicação,—como supplemento á *Semana*, e premio aos seus assignantes —de esollidas photogravuras, cujos desenhos serão feitos por elle, reproduzindo alguns dos quadros mais celebres e mais modernos.

Sem o auxilio e a protecção do publico nada poderemos fazer.

Conflamos, entretanto, que não nos faltará com ella, pois saberá reconhecer a somma de talento, de trabalho e de boa vontade, que *A Semana* representa.

A' parte fôfas modestias banaes, podemos dizer que esta folha é unica no seu genero e que nenhuma outra conta ou póde contar actualmente com os elementos de que ella dispõe. E' redigida por alguns jornalistas já conhecidos e estimados do publico, e collaborada pelos nomes mais reputados e mais celebres das nossas letras. Continue o publico a

proteger *A Semana* e ella irá melhorando progressivamente.

Aos Srs. assignantes de seis mezes, que agora entrarem, daremos como premio, uma collecção do 1º trimestre d'*A Semana* ou um exemplar do bello tango de Ernesto de Souza:— « *A Semana*—100 réis! »

Abrimos tambem uma assignatura especial, de Abril a Dezembro, nove mezes, pelo preço de 6\$, com direito aos seguintes premios:—uma collecção d'*A Semana* e um exemplar do magnifico romance que estamos publicando e brevemente apparecerá em volume:—*Mattos, Malta ou Matta?*

Ficam extinctas as assignaturas de trimestre para fóra da capital.

Os preços para trimestre e semestre continuam a ser de 2\$ e 4\$000.

Chamamos a attenção do publico para o annuncio da 8ª pagina, em que se encontram todas as condições e o programma d'*A Semana*, com todos os seus detalhes.

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 28 de Março de 1885.

Decididamente estamos roubados!

A noticia dada pela *Gazeta da Tarde* e que era a revellação de um novo caso — *Malta*, cahiu pela base diante da exhumação a que os medicos da policia, a requisição do Sr. 3º delegado Carijó, procederam no dia 24 no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Pois foi pena!

Visto que a pobre menina tinha morrido, para nós, chronistas, era muito mais conveniente para os effeitos emmoçionaes da prosa que tivesse havido um crime.

Mas, por mais esforços que façam os collegas diarios, outro *Malta* é que não apanham.

Esta já é a segunda tentativa frustrada.

E isto assim vae mal; se chegarmos á conclusão deploravel de ficarem descreditadas as exhumações e desmoralizadas as autopsias, então não sei que hade ser de nós!

E este caso, conforme o havia descripto a gazeta vespertina, era de encher o olho!

Puro dramalhão sentimental á Bourgeois. Havia a infeliz orphã, subjugada pela tyrannia fardada de um medico militar que desejava autopsial-a em vida, tal era o odio que lhe votava; vinha em seguida o amor simples e puro de um marinheiro supersticioso, que lhe ministrava tisanas promanadas de feiticierias, talvez com danças macabras de duendes e velhas chifrudas, á meia noite, sob a lua argentea, entre o fragor fluctuoso do grande mar batido nas roelhas e nos abrolhos adjacentes da fortaleza; neste momento um côro de bruxas e de mafarricos entoaria os *couplets* roubados ao *Baile das mummies* do Carlos Ferreira; tinhamos após o acto do hospital, com a scena da loucura, como no final do *Fausto*, em que Margarida pallida e edemaciada sorri com o triste olhar em alvo e pronuncia ao amante remordido pelo arrependimento, os monosyllabos da inconsciencia, entre o delirio da febre escaldante que lhe combure o cerebro enfermo. Havia depois a profanação, um cadaver *travesti*, e o corte dos cabellos, muito rente—para se pensar que a morta donzella era um grumete morto.

Dado o crime até ao segundo acto, o desenvolvimento do drama mostrar-nos-lia a policia em actividade, tendo, por denuncia particular, o fio da meada que ella iria desenrolando, desenrolando até deitar o gatazio ao tyranno, no quinto acto, premiando a virtude e punindo o vicio.

E tudo isto fallou!

Não sabemos se foi um milagre do pavoroso guarda-roupa da Morte, mas o caso é que a victima, se o foi, appareceu vestida com as roupas do seu sexo, á excepção, segundo se disse, das meias, que eram de homem, talvez porque a parca inhumana não teve tempo de lh'as mudar. E o cabelo, o cabelo tambem já tinha crescido, ostentando uma bella cabelladura ondeada e luzente, para a qual não se nos dá de acreditar que houve a intervenção do Baptista do Rocio.

Decididamente estamos roubados!

E não seremos nós quem se deixará jámais emballar por illusões de incidentesinhos fementidos, que no fim de contas nos deixam com agoa na bocca e com o assumpto no outro niundo!

Caso como o do *Malta* não tornaremos nós a abixar...

Viva o *Malta*!

*
**

Parece-nos que teremos de lamentar o desaparecimento da guarda urbana! O actual policiamento da cidade é insufficiente, o que dá em resultado aproveitarem-se os genros da opportunidade para sovar as sogras e os maridos para desencarem o espinhaço das esposas.

como aconteceu na casa n. 10 da ladeira do Barroso.

Dizo *Jornal* que a victima gritou mas a policia não appareceu.

Se fosse no tempo dos chorados *morcegos*, quando a victima gritasse, talvez algum tomasse a resolução de apitar — se não estivesse a dormir na occasião.

Tambem foi dada pelo *Jornal* a seguinte noticia:

« A bordo do paquete inglez *Aconcha-gua*, veiu um caften, L. Schranger que, durante a viagem, causou indignação a todos os passageiros, que muitas vezes quizeram atirar-se contra elle, por ver a insistencia com que tentava seduzir mulheres immigrantes, passageiras de terceira classe, que o repelliam energicamente.

Na Bahia, a policia não consentiu que elle desembarcasse. Veiu com destino a esta capital e com passaporte turco. »

A circumstancia de que as immigrantes o repelliam energicamente vae encher de justo e nobre orgulho a Sociedade Central de Imigração e o bravo major Taunay.

Com certeza constou lá na Turquia que já não havia urbanos no Rio de Janeiro e o patife achou azada a occasião para embarcar.

Eis as deploraveis consequencias de uma policia insufficiente! — como diria o Simão de Nantua.

*
**

O caso da rua dos Voluntarios da Patria tambem nada deu de si, como a exploração da *Folha Nova* nos fez esperar. Felizmente appareceram dous bons e energicos artigos de Angelo Agostini, em que se passava uma boa ensaboadella na colmeia dos guarda-livros.

E' util que no meio d'estas especulações mais ou menos torpes da imprensa sem escrúpulos, surja de quando em quando uma voz vibrante e respeitada que proteste.

A imprensa que se esquece de que a norma de bem viver é a pura e simples Justiça, deve ser banida pelo unico meio de que dispõe o publico para isso — o desprezo.

E' bem sabido que nada ha que possa resistir á impopularidade.

Parabens ao illustre collega da *Pevista Illustrada* pela sua digna attitudo na questão da rua dos Voluntarios da Patria.

Houve tambem a historia do colar da rainha... perdão, do colar de Mlle. Richard, uma rica joia do valor de sete contos de fadas, que lhe fôra roubada ha annos e que ella agora julgou descobrir na *vitrine* de um joalheiro importante.

Mas esta historia parece ter morrido diante das declarações do fabricante que disse ter feito uns poucos iguaes na mesma occasião.

Houve um commendador que ficou *roxo* de colera, ao saber da suspeição que pesava sobre a gargantilha com que elle presenteara uma bella filha do Gran-Turco n'um concerto em que ella fizera ouvir os rouxinões e os canarios da sua garganta privilegiada.

Não ha duvida; andamos em maré de infelicidade: Todos os crimes ficam em meio!

*
**

E é com pejo e lastima que o declaramos: — o proprio caso Malta, que foi o melhor de todos... para o *Pais*, terminou desastradamente, segundo noticia do *Jornal* de hontem. O Sr. promotor publico não achou materia para pronuncia, por falta de provas e indícios, mandando que se archivasse os autos.

E as declarações de Ariosto Pessoa?
E as declarações do guarda urbano no cemiterio?

E a atrapalhação do pessoal da casa de detenção, com o serviço inarca barbante dos papellinhos?

Não haverá em nada disso provas ou indícios para pronuncia?

Estas perguntas não são faceis de responder; todavia, com um pouco de boa vontade e sem os embaraços do empenho; com um pouco de escrupulo pela santa justiça, e sem os obices das conveniencias, talvez se pudesse pronunciar alguma cousa.

Mas qual! Desde que a Justiça vestio as calças largas do interesse, quebrou a espada symbolica e apertou a venda, não ha meio de se lhe afferir a balança, que não pode ser regulada pelo systema metrico da rectidão, dando-se unicamente bem com as antigas libras da benevolencia e do padrinho.

Estamos roubados! Estamos roubados!

*
**

Quanto á politica, embora essa ingrata e magra seára pertença principalmente ao nosso collega *Petit-Pitt*, sempre diremos que pouco houve na semana, e esse pouco de má qualidade.

A Camara, aconselhada pelo Todo Poderoso n. 2, que se chama *Pachidérme do Commercio*, poz um dia em pratica a indecente *tramoia* de reunir-se em sessão, unicamente para reconhecer deputados; mas ao que parece não lhe agradou a nova *tramoia*, pois que voltou á primeira: — *gazeta* absoluta, completa *cabula*, como diz o *Paiz*.

Emquanto não termina a calmaria pobre da Cadeia Velha, vae a gente se entretendo com a verbiagem tabaquenta do Senado.

Provocados pelo Sr. conselheiro Afonso Celso a se pronunciarem sobre a questão do elemento servil, oráram os illustres arcebispos do partido da ordem — barão de Mamoré, Correia, Paulino de Souza e João Alfredo.

O que SS. Exs. disseram não nos surpreendeu a nós, que conhecemos perfeitamente, por dentro e por fóra, a politica dos conservadores quanto a esse tenebroso *busilis* da actualidade.

O que elles disseram, bem expremido e simplificado reduz-se a isto: — « Nós queremos a *emancipação* mas de fórma que os proprietarios de escravos ainda ganhem com ella; as finanças engordem, a patria não dê por isso e se toque o hymno. Todavia, se nós formos chamados ao Poder, diremos, então, mais claramente o que pensamos e queremos. »
Maganões!...

VALENTIM DA COSTA

Falleceu, no dia 22 do corrente, o nosso antigo companheiro de trabalho José Valentim da Costa Magalhães, cunhado e primo do director d'esta folha.

Era uma criança de dezeseite annos, mas que já revellava um bello talento, de que nos ficaram algumas provas em diversas poesias, já bastante ricas de sentimento e expressão e que deixam claramente ver o que para um futuro proximo produziria o seu joven auctor.

Sendo dotado de uma extraordinaria e rara actividade, não se limitou a escrever poesias — deixou-nos tambem outros trabalhos, uns começados, outros concluidos, entre comedias em prosa e verso, contos, romances e narrativas.

e o facto do desaparecimento de uma criança não fosse por si só immensamente lastimavel, bastariam os dotes de espirito, de precoce desenvolvimento, e de grande intelligencia que distinguiram este infeliz rapaz, para que a sua morte fosse para nós motivo do mais profundo sentimento.

Collheu-o a terrivel rasoira da febre

amarella, atirando para o sombrio espanto incomprehensivel do tumulto um montão de sonhos, de aspirações e de esperanças.

No proximo numero publicaremos alguns versos de Valentim da Costa.

Damos sinceramente os nossos pezames ao nosso director e á sua Exma. familia.

A CABEÇA DO « ENGRAIXATE »

(A ALFREDO PUJOL)

I

— Oh! Oh! Acreditei que houvesse morrido ou... casado; exclamei ha dias, encontrando o meu amigo Duarte, (chamemos-lhe Duarte) á porta do hotel *Novo Mundo*, na attitudo pensativa e suspeita de quem pensa no... almoço.

— Por ora, ainda não. Mas, se queres que te fale com franqueza, dir-to-hei que penso ha uma semana em casar com moça rica. Porque é preciso que saibas: — entre morrer pobre e casar rico — prefiro a segunda hypothese. Acreditas?

— Acredito. Pois se tu és tão exquisito, tão differente dos mais!...

— E' que eu saio ao tio, como costuma dizer o Filinto...

— Mas por onde andaste, em que paiz estiveste?...

— Olha: pergunta-me tambem, como o Thomaz Ribeiro á *Judia*, « onde deixei o meu querido pae »...

— Nunca estás serio. Pareces-me deputado, que só fala...

— ... e Moçambique.

— Desgraçado! Já vejo, pelo calimburgo, que voltas da Cafraria... e por isso... E fiz um gesto de fuga.

— Não fujas. E' que ainda não almocei.

— Ah! comprehendo. Muitos calimburgos devia ter perpretado o Ugolino! Pois vamos almoçar.

— Obrigado. Eu tambem sou muito exquisito: — só almoço uma vez ao dia. Mas acompanho-te. Conversaremos.

Subimos. No vasto salão luxuoso do *Novo Mundo* havia uma penumbra discreta e silenciosa, estendida no recinto pelos reposteiros somnolentos e pelas empanadas calidas, afflindo ás brisas da rua.

Boiava no ambiente uma nuvem de perfumes quentes e misturados, em que ora predominava um cheiro macio de rosas frescas, ora um aroma ardente de acepipes á *la sauce picquante*.

E áquella doce meia luz alvejavam as toalhas das mezinhas, artisticamente dispostas em dous renques ao longo das paredes, — em que luziam as finas pinturas pantagruelicas, — scintillavam os cristaes facetados dos copos e das garrafas, e os metaes espelhentos das baixellas tremeluziam, golpeando o ar de lampejos.

Passava do meio dia. Por isso poucos eram os que almoçavam ainda.

Aqui, um reputado capitalista, refestellado na cadeira, com o immenso guardanapo pendente da gola por sobre o papo, olhos humidos e risonhos — olhos

de gastronomo em exercicio — estendidos e fltos sobre o fundo da sala. em que se via o dono do hotel, o conhecido Diogo, pacificamente sentado ao seu pequeno balcão lustroso, lendo a *Gazeta* e fiscalizando o serviço.

Ali, um popular corretor da praça, irreprezivelmente vestido e comendo com a elegancia e a correção de um *gentleman*, o guardanapo a meio peito, o garfo na dextra, seguro pelo cabo em tres dedos, apanhando com delicadeza a comida em pequenas porções que elle azeitava com o pedaço de pão na mão esquerda; no ilhóz da lapella uma *hypolitte jamin* deliciosa, de uma frescura, mimo e colorido inimitaveis pelo pincel.

Mais adiante, dois individuos em *vis á ris*, á mesma mesa: — um deputado muito conhecido e um não menos conhecido engenheiro, empregario de ferro-vias. Este, ao contrario do companheiro, falava mais do que comia; e por varias vezes acudiu-lhe o *garçon*, julgando-se chamado pelas pancadas sónicas que elle dava com o garfo na beira do prato, excitado pelo calor da conversa.

O deputado comia, comia...

De quando em quando — um sorriso, engordurado no *ragout*, um meneio affirmativo de cabeça, um monosyllabo profundo, gorgolejado em *bordeaux*.

De uma vez em que o *garçon* acudiu, illudido pelos repiques da face do engenheiro, o deputado voltou para elle o rosto e pediu:

— Mais outra meia garrafa do mesmo e mais gelo.

E accrescentou para o engenheiro, dando á *physionomie* uma forte expressão approbatoria e um garfada no arroz de pato:

— Apoiado.

Em um angulo do salão, deante da mesa em que almoçára, e que um criado d'esservia, resonava um sujeito gordo, cara escanhoada inteiramente, e que — não só por ella como pela *volta* enxovallada que apparecia de sob a gola da sobreca-saca, — se conhecia ser padre. Pendia-lhe do beijo, e nelle tremia nos estos da respiração, uma ponta de cigarro apagado e zumbiam gulosamente as moscas em torno do calice, meio bebido, de *chartreuse*.

Sentámo-nos em uma das mesinhas mais illuminadas.

O Duarte percorreu a lista do almoço com o olhar torturado em duvidas, um olhar de philosopho ao esbarrar com a proposição de um problema terrivel e multiforme...

O *garçon*, habituado a essas lutas silenciosas, acereou-se ligeiro e sollicito, trazendo em socorro das incertezas estomacaeas do meu amigo a sua grande catalogia culinaria:

— Espetadas á bahiana, *cervelle sautée*, fricandó de vitella, *du poisson frit*, *roast beef* ao espinafre, *croquettes* ao pirão de batatas, *ragout de mouton á la sauce normande*, *omelette aux fines herbs*, *du veau á la...*

— Basta, principe Cook! exclamou o Duarte, atordoado com tão sabia e tão longa nomenclatura. Eu não escolho. Rendo-me á discricão. Entrego-te o meu estomago, e com elle a minha consciencia, que é tudo quanto elle contem agora. Envenena-me á franceza, mas depressa.

O *garçon* inclinou-se com um sorriso de leitão assado e retirou-se presto.

Mas a meio caminho retrocedeu:

— Esqueceu-me a salada. Qual prefere: — talos de alface, agrião, batatas, mexilhões, chicória, arenques, ou cabeça de vitella, á italiana?

O Duarte, que sorria a principio, tornou-se repentinamente sisudo, apprehensivo... Por fim, como o rapaz esperasse, semi-curvo, com o panno ao hombro, respondeu-lhe bruscamente:

— Qualquer; menos a tal cabeça á italiana.

E, calando-se, mettu a frente entre os punhos, e assim quedou-se por instantes...

— Que diabo tens tu?... perguntei-lhe, intrigado com o incidente.

— E' que esse maldicto creado trouxe-me de repente uma lembrança terrivel, que eu julgava adormecida já...

— Sim? Temos então aventura. Olha, bem sabes que sou um poço, não de sabedoria, mas de segredos. Portanto...

— Não é segredo. Vou contar-te o que é. Esse creado falou-me em « cabeça de vitella á italiana ». Ora, ha muitos dias que não me sahe da cabeça... uma cabeça italiana.

— Não comprehendendo.

— Nem é facil. Ora imagina que encontrei hontem a cabeça do meu « engraxate ».

— Ainda menos comprehendendo. Queres talvez dizer, — auctorizado por aquella figura de rethorica, a metonymia, que permite se tome a parte pelo todo, — que encontraste o teu « engraxate ».

— Nada; o que eu encontrei não foi o Paschoalle, foi unicamente a cabeça do Paschoalle; e é isso o que me horrorisa ainda.

Olhei para elle com uns olhos em que lhe não era difficil lèr este pensamento:

« Se me disseses isto depois do almoço, vá; mas antes!... »

Elle leu-o sem duvida, porque me disse:

— Não são effeitos do Bordeaux, que ainda não bebi. O caso é extraordinario e daria ao Hoffmann, ao Poë, ao Baudelaire ou ao Machado de Assis um bello conto negro, um poema de arrepiar a calva do Padre Eterno ou uma bola de bilhar...

Nisso chegou o *garçon* com o primeiro prato, aromoso e fumante.

O Duarte cortou uma fatia de pão, prendeu o guardanapo ao collarinho e tomando o talher:

— Pois bem; disse-me. Vou contar-te como foi que encontrei, ha tres dias, a cabeça do meu « engraxate. »

(Continúa)

VALENTIM MAGALHÃES.

A MUSICA DO FUTURO

Sem duvida que merece sinceros louvores o Club Beethoven pelos esforços inauditos que emprega affim de aclimar entre nós a musica classica. E' preciso educar o gosto, e semelhante trabalho demanda muita perseverança, por parte dos educadores. Já o club tem feito muito conseguindo que sejam sinceramente admiradas pelos profanos as immorredouras produções de Beethoven, Haydn, Mendelssohn e outros. Querem enveredar por caminho diverso, agora que a iniciação vai em meio, não é seguramente de bom pensar.

O Club Beethoven, se pretende fazer de Wagner seu propheta predilecto, terá de duplicar os esforços como philarmónica de propaganda. Não é uma e a mesma cousa a musica do passado e a musica do futuro. Dirão que as composições de Beethoven serão eternas, e por conseguinte, tão do porvir como as do autor do *Lohengrin*. Será assim mas a posteridade já começou para a velha pleiade dos maestros allemães, enquanto que ainda ha infieis que não fazem a romaria de Beyreuth, essa Meca dos novos crentes.

Falta-nos competencia para offerecer objecções, que em cousa alguma abalam a glorificação de Wagner; respeitamol-o em nossa obscuridade; mas ao Club Beethoven podemos assignalar um facto: o pouco exito obtido pelo *Siegfried Idyls*, allás apregoado com tantas fanfarras e esperado com tamanha anciedade.

Admittindo mesmo que ainda seja falta de gosto e comprehensão essa pretendida desillusão do auditorio, ao qual para completo conhecimento de uma obra daquella força scientifica, são necessarias muitas audições; ninguem deixará, todavia, de convir, que não foi aquella a impressão produzida sobre os mais refractarios ao classicismo pelos primeiros compassos do concerto em *mi* menor de Mendelssohn, ou da bellissima aria do seu oratorio *Paulus*.

Nem com o auxilio do libreto, programma arrazoado, ou como melhor nome tenha, vocabulario muzical, aquelle roteiro distribuido ás pessoas presentes, ninguem ficou conhecendo e avaliando melhor os *sabios* effeitos do *Siegfried* visto como nem é bom fallar da impressão deleitavel que a musica sempre gera.

Cada arte tem o seu limite; a pintura não canta, a musica não pôde ser a palavra falada. Querer que tudo esteja dito, e de um modo perfeito, por meio de certas phrases musicas; que a idéa de Deus ou a descripção de paisagens; que o imponderavel e o tangivel sejam reconhecidos por formulas convencionaes de orchestração, é supprimir absolutamente o poema nas operas. O libreto ficará sendo uma especie de andaime que serviu para levantar o edificio e que se retirou depois de concluida a obra. Pódem solfejar a partitura, que a impressão ha de ser a mesma.

De facto: levando ás naturaes conclusões essa theoria dos que dão á musica de Wagner uma precisão geometrica em tão alto gráu que ella *fala* melhor do que a palavra, teremos de chegar a este extremo: Ou a musica traduz idéas, ou não as traduz; se o faz, para que juxtapôr textos á partitura? porque explicar o que está comprehendido?

Entretanto o proprio Wagner foi quem disse: « A minha musica só tende a dar maior expressão e força á declamação da poesia. » Foi elle, portanto, quem subordinou a partitura ao libreto.

Seus adeptos, porem, chegaram a dispensar este, assegurando que tudo está na musica, tão claro como em elucidario escripto.

O Club Beethoven deve reflectir no

problematico successo da segunda parte do seu ultimo concerto, e fazer timbre de dar-nos mais composições do passado que do futuro.

Essas ficarão para depois.

Henri Heine conta que alguém, perguntando a Ferdinand Hiller sua opinião sobre as operas de Meyerbeer, obtivera esta simples resposta:

— Ah! não falemos de politica!

E Meyerbeer não é seguramente Riccardo Wagner, que nos offerece a philosophia de Kant como harmonias angelicas.

IGNOTUS.

NUM CARRO DE BOIS

—STALAGMITES—

Cum Sol Oceano subest.

HORAT.

Desde a infancia, immortaes, vós sonhadores sois!...
O' poetas, só vós ouvis a symphonia,
Que espalhavam na estrada, ao declinar do dia,
Um velho, um carro tosco, e dous morósos bois!...

Que vêu d'ópalo e d'oiro em pó fino os cobria!...
Como, a se entreoçar, inclinavam-se os dois!...
Pelas cercas á flor a luzinda sorria:
Dulcias de aroma á luz cantava a flor depois!...

Quando, a aguilhada ao hombro, o carreiro indolente
Deixava-me ir na caixa, agarrado aos fueiros,
De lá eu via o sol descer pisando, ao poente,

Espadaos collossaes de deoses prisioneiros;
Emquanto ouvia já passar furtivamente
As Dryades no valle, os Sylphos nos outeiros!...

LUIZ DELFINO.

ARTHUR BARREIROS

Conheci-o e, desde a noite em que lhe fui apresentado por Fontoura Xavier, dei-me com elle intimamente.

Não direi que fosse um rapaz insinuante, d'estes com quem se sympathisa á primeira vista.

De manciaras polidas, porém pouco expansivo, era necessario conversar com elle longamente para, aquilatando-lhe a delicadeza de sentimentos, a independencia de character e a robustez do talento, tel-o na devida conta e dedicar-lhe a estima e o respeito que merecia.

A minha apresentação a Arthur Barreiros foi uma simples formalidade: já nos conheciamos.

Fontoura Xavier fallára-me muito d'elle, aqui, em S. Paulo, e depois, quando foi para a Côte, fallou de mim ao Barreiros, que era seu companheiro de quarto.

Quando, uma vez, appareci no Rio, o poeta das *Opalas*, que me distinguia sempre com a sua amisade, tratou de relacionar-me com a *Bohemia*.

E apresentou-me ao Arthur Azevedo, ao Alberto de Oliveira, ao Arthur de Oliveira, ao Thomaz Alves, ao Lopes Trovão, ao Lopes Cardoso, ao Patrocínio, ao Barreiros, a todos aquelles adoráveis rapazes, que, n'esse tempo, constituíam a *Bohemia litteraria*, cujas sessões se celebravam, as mais das vezes, no Café do Cruzeiro, á rua do Ouvidor.

Foi n'esse Café, comprido e estreito como um corredor de convento, que eu pela primeira vez apertei a mão do obscuro, mas distinctissimo escriptor, que o Brazil perdeu, ha dias.

Trocadas as palavras do estylo, Fontoura deixou-nos; e o Barreiros e eu entramos a conversar...

Barreiros era um conhecedor profundo d'esta pobre lingua portugueza, que tão

deturpada e estropeada anda, e tinha pela correcção e elegancia da fórma um verdadeiro culto. O solecismo, para elle, era um peccado mortal.

Escriptor, por mais talento e mais illustração que possuísse, não tinha valor para Arthur Barreiros, se commettesse erros grammaticaes. Era inexoravel nesse ponto.

— « Eu adoro este Ferreira de Menezes: uma grande alma, um bellissimo talento—disse-me elle um dia—e é por isso que não lhe leio os folhetins. E' tão incorrecto que eu, se os lêsse, talvez o ficasse odiando. Um homem que escreveu:—ainda *faz-se* versos! »

Barreiros sabia que eu viera de Portugal, havia dois ou tres annos, e por isso, depois de me perguntar pelo Affonso Celso Junior, pelo Theophilo Dias e por todos os rapazes de S. Paulo, que constituíam n'esse tempo o grupo litterario da Academia—grupo relativamente numeroso e notabilissimo, de que faziam parte, alem dos nomeados,—Assis Brazil, Raymundo Corrêa, Valentim Magalhães, Augusto de Lima e outros—começou a fazer-me perguntas sobre escriptores portuguezes:

— De que vive o Guerra Junqueiro? E' rico? E o Ramalho? E o Eça? E o Latino é muito considerado? Em Portugal já se pôde viver das letras, não pôde? Ha editores e ha quem leia? Aqui, o amigo sabe, é uma desgraça... O Machado de Assis, o nosso primeiro litterato, recebe uma insignificancia ali do Garnier e ainda dá graças a Deus porque existe o Garnier! Lá, creio que não é assim... Se até o Theophilo Braga encontrou editores para obras que raras leem! E' verdade: E o Theophilo? Conhece-o? Que homem trabalhador! Que talento!

Fui respondendo a todas estas perguntas, dizendo o que sabia e confirmando as suas considerações, sempre sensatas, até que Barreiros, puxando o relógio, exclamou:

— Que diabo! Perdi o bond!

— Mora muito longe?—perguntei.

— Bastante. Adiante dos Arcos...

— Pois vamos a pé, conversando; eu tenho muito prazer em acompanhá-lo.

Fomos.

Reitou-se logo o fio da conversa e durante o caminho, Barreiros inquirio sobre quanto escriptor, mais ou menos conhecido, ha em Portugal, patenteando leitura de quasi todos e fazendo conscienciosamente o elogio dos principaes.

Merciavam-lhe especial acatamento os bons prosadores, aquelles que, sem sacrificarem a indole da lingua portugueza e sem cahirem na affectação do purismo, escrevem n'uma linguagem ao mesmo tempo sã, moderna e donairosa.

A Latino Coelho fez Barreiros os maiores gabos, ao passo que notou defeitos em Ramalho Ortigão, de quem aliás era admirador.

— Aqui é uma lastima; disse-me elle. Temos muitos talentos, mas esses rapazes ou não têm ou têm algum livro francez e por isso escrevem horrorosamente. Tirem-se uns tres ou quatro:—o Arthur Azevedo, o Theophilo e mais um ou dous, o resto só de nome conhece o Garrett, o Herculano, o Castilho, o Rebello da Silva, o Camillo, aquella sua gente... Dos velhos, dos classicos, estou em dizer que só o Machado de Assis... Ninguem absolutamente procura estudar a lingua. Os nossos oradores parlamentares são incorrectissimos, dizem as maiores barbaridades, e os jornaes—oh! andam inçados de erros grosseiros, de vicios abjectos! Não se faz caso da grammatica... Tambem eu vingo-me; abro um livro, vejo na dedicatória: á meu pae, á fulano,—e fecho-o immediatamente. Póde conter preciosidades:—não o leio.

A' porta de casa parámos.

— Eis a minha mansarda. Não o convidado a subir, porque o nosso quarto não offerece a menor commodidade; acha-se completamente desprovido de mobilia; uma cadeira, que se desconjunta mais facilmente que um palhaço, uma mesa e dois catres vis...

— Oh! por isso não; atalhei. Subamos. Eu estive em Coimbra e já li Murger...

— Então... não repare.

Confesso que, apezar da prevenção de Arthur Barreiros e apezar dos meus profundos conhecimentos da vida da Bohemia, senti uma impressão ingrata ao entrar no quarto do mallogrado escriptor.

Eu esperava um quarto de estudantes em completa desordem: jornaes, livros, e pontas de cigarros por toda parte, garrafas ensebadas servindo de castiças, camas em desalinho, mas, francamente aquillo era... um antro!

O Barreiros, que riscara um phosphoro á porta, dirigio-se á meza para accender a vela, que não existia; pelo que exclamou contrariado:

— Não ha remedio! Entra a *reserva* em serviço...

Só d'ahi a momentos comprehendí o sentido dessas palavras.

A *reserva* era uma fila de côtos, collocados em um friso da parede amarelenta, e destinados a servir quando não houvesse velas nem dinheiro para as comprar.

N'essas noites o Barreiros não podia ler deitado, porque de repente ficava ás escuras. Tinha de ler á mesa, prestando toda a attenção ao côto, para substituí-lo antes de extinguir-se. O côto era espetado n'um palito e este fincado na mesa.

Nunca vira tal, nem por sombras me occorrera semelhante *recurso*!

Adiante, pelas preciosas cartas de Arthur Barreiros, cartas que guardo religiosamente e que constituirão o merito d'este escripto, ver-se-ha quanto uma vida tão difficil e penosa attribulava aquelle pobre rapaz, operoso, cheio de talento, dotado de um character adamantino, de um coração archangelico, e completamente baldo de meios em uma cidade como o Rio de Janeiro, onde qualquer onagro faz fortuna!

Demorei-me no *antro* quasi até ao amanhecer, e sahi tão affeioado ao Barreiros quanto contristado pela situação desanimadora em que elle se achava.

Arthur Barreiros não era bohemio por indole ou por gosto; era bohemio á força.

GASPAR DA SILVA.

(Continúa).

MORALIDADE DA IMPRENSA

CARTAS AO DIRECTOR D'A SEMANA

III

Meu caro confrade.

Ha certos principios que, quando expostos com phrase vigorosa, de envolta com expressões felizes e imagens animadas, exercem poderoso ascendente no nosso espirito, attrahindo-o irresistivelmente.

Responsabilisar-se cada um pelo que escreve, assumir a auctoria legal de qualquer ataque pela imprensa, banir o *systema* oprobrioso de destillar em publico baba peçonhenta e lethal que converte o augusto invento de Guttenberg em fôgo immundo de torpezas eis na verdade o bastante para seduzir e fascinar uma alma bem formada.

Sem duvida; nada tenho a replicar contra essa doutrina; é muito bonita, correcta, digna de applauso, mesmo sublime.

Sómente, farei observar que desde muito se pratica na sociedade um regimen bem diverso com respeito á troca ou reciprocidade de actos resultantes do consorcio de individuos.

A caridade evangelica que manda voltar a outra face, quando se recebe uma bofetada, é hoje evidentemente impraticavel e relegada ao pó dos alfarrabios. O que se vê imperando é o proverbio: dente por dente... e se bem examinarmos a evolução e o estabelecimento dessa pratica, reconheceremos que ella é uma das variadas manifestações da luta pela vida.

Sim; não se appellido esta asserção de paradoxal, capciosa ou casuistica: o anonymo representa um desforço, uma reacção. Esse desforço não é compativel com a perpetração de um crime, com transgressão de uma lei salutar e necessaria.

Assim como em defesa da vida propria é permitido matar; e, quando mesmo o não fosse, não se deixaria de o fazer; tambem, na falta de outro meio adequado e proficuo, arvorar-se-ha o anonymo em norma reguladora no seio da sociedade toda a vez que esse facto ardente e luminoso chamado justiça fique eclipsado pela interposição de conveniencias espurias e condemnadas; sempre que entre o offendido e o offensor mediar a enorme distancia que vae do abatimento á tyrannia, da miseria e desamparo á opulencia insultante e escarnejadora; quando, enfim, não reste outro desaggravo, lenitivo ou reparação, senão soltar essa voz estridente e ensurdecadora, que ao menos interrompe o somno ou o tripudiar de quem zomba cynicamente da sociedade e de suas convenções.

Os que invocam a necessidade de manter-se o respeito mutuo, o decoro social, o prestigio e magestade da imprensa e se comprazem em classificar meticulosamente os motivos que autorizam o desabafo, definindo não menos magistralmente o modo e os canaes por que se o ha de realisar, são, no meu entender, excelsos e ingenuos sonhadores de uma perfectibilidade inatingivel; fourieristas que cogitam arregimentar a sociedade e genero humano em phalansterios; utopistas, apóstolos do porvir, peregrinos da idea regeneradora; mas que, digamol-o a *mezza-voce*, lembramos o prologo d'aquelle pregador, que não cessava de repetir:—Fazei o que eu vos digo e não o que eu faço!

A grita dos anti-pamphletarios e o seu argumento capital é que o anonymo occulta-se para ferir a salvo, esgueirando-se na sombra, vibrando golpes traiçoeiros e fugindo em seguida, propinando o veneno e circulando no meio de nós com semblante hypocrita e sereno; o anonymo, enfim, é na sua opinião, qual tredo sicario, ardiloso, sitibundo e intangivel e cujos intentos só podem ser reprovados, pois evita a luz e repelle, denega as proprias allirmações.

Creio que não dissimulei nem attenuaci as accusações que sóem fazer a bem da extirpação do anonymo ou melhor do *testa de ferro* da imprensa local.

Não deixei,—facilmente se reconhecerá,—nenhuma tangente por onde elle se escape, e dou ainda por provado que o que elle avança seja manifestamente falso, calumnioso e merecedor de condemnação.

Mesmo nestes termos, espero conquistar em prol da minha opinião a de V. S., de quem, subscrevendo-me por hoje com o maximo respeito e acatamento, me declaro

Att.º Obr.º e Cr.º

C. REGAZOLI.

OS ROUXINOS DO CEMITERIO

(TRADIÇÃO DE LUCIO DE MENDONÇA)

O cemiterio de Montparnasse.— Amanhece.— Os mortos repousam.— Os rouxinos do cemiterio cantam baixinho.— Um rouxinol da matta responde-lhes da copa de uma arvore da rua.

SCENA PRIMEIRA

O ROUXINOL DA MATTÁ

Rouxinos, irmãos, porque diabo cantam vocês assim ali nesse vasto jardim triste?

OS ROUXINOS

Rouxinol, irmão, este vasto jardim triste é o jardim dos mortos.

O ROUXINOL

Rouxinos, irmãos, donde tiram vocês uns cantos tão suaves e tão desconso-lados? São passaros como eu, e nossas vozes não são eguaes;—o meu timbre é mais claro e brilhante. Ouçam lá este trinado. O de vocês, em compensação, possui o que quer que seja mysterioso e velado, que perturba e encanta. Que especie de rouxinos são vocês, ó irmãos, e porque trazem lucto na garganta?

OS ROUXINOS

Rouxinol da matta, basta de gorgeios e graeejos; cantamos como nos apraz, e lhe pedimos que vá levar além a sua alegria e claro timbre; está a fazer muito rumor.

O ROUXINOL

Têm doentes em casa?

OS ROUXINOS

Doentes, não; mas pessoas que dormem.

O ROUXINOL

Nesse caso, retiro-me; mas prometam-me que não de vir almoçar, um dia destes, ás mattas de Ville-d'Avray; lá me empoleiro.

OS ROUXINOS

Obrigadissimos; nunca pomos o bico para fóra d'aqui.

O ROUXINOL

Como! pois nunca vão correr as mattas? Passam a vida ali nesse vasto recinto, entre arvores luetuosas e com essa natureza melancolica? Deveras que os lastimo!

OS ROUXINOS

Não nos lastime, não, amigo, somos felicissimos. Dotou-nos Deus com voz amorosa e terna, que empregamos em usos piedosos. Somos os Rouxinos do Cemiterio; como taes, temos aqui duas funcções. A primeira é embalar o somno á pobre gente enterrada ali embaixo; temos que lhes cantar meigamente, como a mãe aos filhos que acordam, para que tornem logo a adormecer, e não sofram, pensando naquelles a quem amam; eis porque a nossa voz é tão suave, tão velada e terna.. Psió! alguém suspirou na alameda da esquerda; é a menina do canto que acorda. Vamos, amigos, depressa, um pouco de musica; cantemos-lhe o romance *Flor da morte*, de que ella tanto gosta. (*Cantam*).

Entre brincando e sonhando,
Sob o cypreste e o salgueiro,
Anda, e o vento brigeiro
Vae-lhe os hombros osculando.
Toucam-na duas florinhas
Quaesquer; e de vez em quando
Andam nuas as perninhas.
Traz, de inverno e de verão,
Vestido de chita escura;
Na frente, sobra a costura,
E aperta no coração.
Assim salta, em diabruras,
Como cabia sem prisão,
Na relva das sepulturas.

Ora basta; já tornou a dormir.

O ROUXINOL

Pois saibam que é muito galante isso que fazem!

OS ROUXINOS

Não é só; somos tambem os guardas da casa, os sylphos bemfazejos do logar. Nestes tempos de hoje, nasce-se e morre-se com tanta simplicidade, que a morte vai perdendo de dia para dia a belleza de apparato, mysteriosa e fria, que assoberbava os honiens. Poem-se os cemiterios ás portas da cidade, como casas de campo, com o mesmo aspecto burguez e asseado; o homem cada vez mais se atreve para com as cousas santas, que se lhe torman familiares; a medonha profanação percorre os tumulos com os pés enlaineados e os dedos sujos. Estamos aqui para pôr cobro a tudo isso e expellir os importunos saerilegos que vêm perturbar o somno aos nossos queridos defuntos. Nosso canto é lugubre, nossa voz é triste; assim tornamos a mansão dos cemiterios intoleravel para os que vêm cá passeiar e respirar o ar do campo.

O ROUXINOL

Rouxinos, irmãos, vocês são uns passaros divinos; e eu já lhes estou consagrando muita veneração; puzeram-me desgosto de minha vida bohemica e inutil a todos; estimaria bastante entornar na escarella d'ouro da earidade as perolas de minha garganta, que até hoje desperdicei e semeiei a todos os ventos.

OS ROUXINOS

Pois venha para aqui, rouxinol da matta, venha para aqui; venha subjeitar-se a um noviciado de um dia; habituará a voz a canções tristes, o coração á terna piedade, o olhar á vigilancia. Viverá da nossa vida, e quando tiver observado a efflacia dos nossos esforços entrará, se tiver animo, para a corporação dos rouxinos do cemiterio; e agora attenção! começa o seu noviciado. Eis que se levanta o sol e aquece o vento; é dia.—Surdo estalido ouve-se debaixo das sepulturas; são os mortos que acordam por habito, ao nascer do dia. Cumpre fazel-os dormir de novo; cantemos, irmãos, cantemos. Voce, tome sentido, amigo, nada de trillo brilhante nem trinados; seja a sua garganta de mel e velludo.

(Con'vnia)

OS SETE PECCADOS MORTAES

(Versão de Valentim Magalhães)

III

GULA

Para desempenhar o seu sacerdocio, Brumaque não quiz criados em volta de si. Rodeado de commodos *étagres*, sobre os quaes se vêem, cuidadosamente arrumados, os crystaes e as baixellas, ninguem o virá perturbar no exercicio das suas delicadas funcções.

Preferiu mesmo que a refeição fosse inteiramente fria, afim de que nenhum intervallo o prejudicasse nos seus prazeres. Para principiar, verteu em dois côpos o Loka e o Scicilia branco, e commodamente sentado em frente á immensa mesa,—na qual, destacando sobre a alvura de neve da toalha,—a truta, a carpa do Loire, *cuite au bleu*, o pastelão de fígados de pato do grande Tivollier, a terrina de codrizes, e salada de tube-

ras, os carangueijos cosidos á lorenense, as uvas pretas, os pecegos de polpas veludósas, os doces *d'epines-vinettes*, delectam-lhe os olhos ávidos,—elle se prepara para o combate, quando sente affagar-lhe as narinas um perfume culinario, entrando pelas fendas da porta, suave, delicioso, irresistivel, que lhe põe agua na boca.

Brumaque levanta-se, atravessa o corredor, e, sempre na pista do appetitoso cheiro, vai ter á cosinha. O' felicidade! Sophia, a cosinheira, está ausente, sahiu por instantes. Com a mão febril, descobre o *dilettante* a caçarola, d'onde se escapam os tentadores perfumes, e então, oh! deuses immortaes!—elle vê, elle contempla o petisco! E' um d'esses pratos que o artista executa unieamente para si proprio, jámais para o seu amo! um *ragout* de carneiro; mas um *ragout* ideal, fulvo, dourado, embebido em um molho curto, de uma côr callida e transparente, em companhia de umas batatas que mais parecem topázios vivos.

Tremendo como um larapio,—nem é elle outra cousa!—Brumaque leva o *ragout* para a mesa, depois prova-o, come-o, saboreia-o, devora-o, e de tal modo que o prato fica limpo, lambido, lavado—melhor do que por um cão. Mas ai! sobrevem a terrivel Sophia e, furiosa, ficando os punhos nos quadris:

—Então,—regouga,—o senhor flou-me o guisado!... hein?!...

—Sim;—murmura o amo, pallido, tentando sorrir—mas tu comerás o meu.

—Esta agora veiu a tempo! diz severamente a criada cozinheira;—e, apontando as petisqueiras do amo com desdem,—era só o que me faltava:—comer essas porcarias!

IV

ORGULHO

Aquella terrivel, aquella indomavel Marietta, que a tudo se recusa e não quer nem rei nem senhor, que se vos escapa entre os dedos como uma enguia, e que por qualquer cousa arranca e brande a faca... o Sr. Adolpho prometteu aos seus collegas—os Srs. Alexandre e Eugenio que havia de lh'a mostrar—submissa, domesticada, molle como uma luva.

Effectivamente, aquelles artistas acham-se reunidos em casa do seu decano, e fumam, bebendo agur dente. Ordinariamente correcto, vestindo como um gentleman, usando os mais irreprehensíveis chapéus inglezes, o Sr. Adolpho retomou para esta solemnidade o *costume* pittoresco e o *bonnet* mysthico, como um dignitario que, para uma occasião solemn, veste o uniforme official. Com a mão elle indica que é chegado o momento, e tirando do bolso um assobio de prata—chama por Marietta.

A rapariga apparece immediatamente—humilde, olhos baixos, na attitudo de um ente prompto a obedecer.

—Beija o teu senhori!—diz o Sr. Adolpho.

Ircontinenti Marietta ajoelha-se, e beija humildemente a mão do feiticeiro, que se diverte, agarrando-lhe os dentes e sacudindo-os, como se faz a um cão familiar.

—E agora, diz elle, deita-te alli!

E Marietta dócilmente vai se deitar sobre um pequeno tapete, atirado atraz de um bahu, em um canto do quarto, e lá se conserva immovel, retendo a respiração.

—Caramba! exclama o Sr. Alexandre, pallido de admiração. Não és nada péco.

—Sim; diz o Sr. Adolpho, tranquillo, com a imperiosa consciencia do seu genio,—sei fazer com que me amem!

THEODORO DE BANVILLE.

NOVO MEIO DE PIRATAGEM LITTERARIA

Andam agora distribuindo ahi pelas casas uns fasciculos, fructo nauseabundo da mais torpe especulação litteraria.

Referimo-nos a uma tal empresa *Horas recreativas*, indecencia sahida do ganancioso bestunto de uns taes Carlos Costa & C.

Até aqui, a vergonhosa piratagem litteraria de nosso paiz limitava-se a prear as obras estrangeiras. Essa bella industria, autorisada por lei e protegida singularmente pelo Sr. D. Pedro II, contentava-se com representar ou reproduzir, traduzir ou parodiar, toda e qualquer produção europeia digna de ser explorada.

Era feio, mas enfim isso havia já entrado em nossos costumes.

O primeiro dono de jornal, por mais honrado, ou o primeiro empresario de theatro por menos velhaco, lançava os ganhanhos ao trabalho alheio e começava a sugal-o, sem que ninguem se lembrasse de dizer que semelhante escamoteação equivale a empalmar o relógio áquelles que de boa fé trazem o casaco aberto.

Tão commodo systema entrára nos nossos uzos, porque Sua Magestade o Imperador entendeu, e talvez entenda ainda, que o Brazil não deve ter com a Europa um contracto litterario, e porque suppõe, com a burguezia de seu paiz, que as produções desse genero não constituem propriedade e que nem ha por aqui cabedal de letras.

Convicções!

Convicções, que o sabio monarcha bebeu sem duvida nas theorias do seu particular e fallecido amigo Alexandre Herculano, e das quaes não se desgarram nem a empenhos do conselheiro Octaviano, nem a esforços do laborioso escriptor Sylvio Dinarte, nem ás supplicas do laureado traductor de *Jocelyn*, nem ás considerações do espirituoso auctor dos *Topicos*.

E' talvez mania, é talvez uma aberração do augusto entendimento de Sua Magestade; mas enfim é um facto, e contra os factos de tal procedencia não ha luctar, nem discutir,

O Sr. D. Pedro ou as leis do seu paiz entendem que o Brazil deve se apoderar da obra alheia... Que lhe havemos de fazer? Cada um trate de roubar o mais que puder!

Pouco importa que com isso se retraiam os escriptores nacionaes; pouco importa que se corrompa o gosto do publico, já tão viciado pelos detestaveis romances de Montepin e pelos dramas de Bourgeois!

El Rei assim o quer e o publico habituou-se ao veneno que as folhas e os theatros lhes fornecem diariamente.

Mas o peor é que agora nos surge um novo processo de piratagem litteraria; já não se trata simplesmente de roubar a obra:—querem tambem roubar o nome dos autores.

A tal empresa dos Srs. *Carlos Costa & Comp.* apresenta-se publicando uma porcaria, sem estylo, sem espirito e sem pés nem cabeça, servindo-se aliás do glorioso nome de G. Sand.

O desprezivel especulador quer fazer acreditar que a porcaria publicada por elle é produção da celebre escriptora George Sand. E, não contente com esse delicto já bastante grave, ainda lança mão, descaradamente, de um titulo que lhe não pertence, um titulo annunciado pelo theatro Lucinda—*O Cadastro da Policia*, arranjando para esse fim um miseravel arremedo, tão tolo e tão torpe como a especulação que o inspirou.

A caminhar-mos deste modo, onde iremos parar? Se de hoje em diante até o proprio nome dos autores estrangeiros não encontrar em nosso governo alguma lei que o defenda, que diabo de papel faremos nós aos olhos da gente honesta?

S. Magestade que pense um pouco seriamente sobre o caso, e veja se consegue desistir das suas theorias herculanicas; a não ser que S. Magestade esteja disposto a encontrar seu respeitavel nome encimando algum trabalho de por-nographia.

THEATROS

O Recreio Dramatico annuncia para brevemente a *primeira* do ultimo drama de Dumas filho *Denise*, traducção de H. Chaves. Quando aquelle theatro annuncia para brevemente qualquer peça deve a gente preparar-se logo para vel-a... seis mezes depois. Brevidade de kágado.

Agora uma ligeira observação: Por que diabo não traduzio tambem o distincto traductor o titulo da peça? Disserse logo *Dyonisia*.

Seria mais natural, e os que não sabem francez saberiam todos do que se trata. Só se foi porque Dyonisia parece nome de sogra.

O Lucinda promette para muito breve tambem—*Os filhos do capitão Grant*, drama de Julio Verne e D'Ennery.

A VIDA ELEGANTE

O ultimo sarau-concerto realisado pelo excellent Club do Engenho Velho esteve na altura dos credits conquistados por essa sociedade.

Foi muito concorrido e muito animado, e, como sempre, presidido pelo bom gosto e pela extrema cortezia que distinguem a sua cavalheiresca directoria.

Coubé ao Sr. Augusto Weguelin organizar o concerto, do qual se desempenhou admiravelmente.

Fizeram-se ouvir varios distinctos amadores e mais o festejado violinista Cernicchiaro, seguindo-se depois um baile que se prolongou até ao romper do dia, com animação e alegria ininterrompidas.

Inda uma vez felicitamos o Club do Engenho Velho.

LORGNON.

Recebemos:

—*Sertanejas*: volume de versos por Gabriel Pereira. Curitiba, 1884. Velhinho e máu. Pois se ainda traz parodias á Judia—o fufiol

— Duas boas theses; uma do Sr. Dr. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz, que se occupa do *Carcinoma*, na dissertação, e das *Quinas chimico-pharmacologicamente consideradas, operação cesariana e ictericia*, nas Proposições; e outra do Sr. Dr. Antonio Augusto Ferreira da Silva, que dissertou sobre a *Syphilis congenita: influencia relativa dos progenitores na sua produção*, e occupou-se, de proposições sobre o *ether sulphurico, polypos naso-pharyngianos e operações que elles reclamam, e chyluria*.

Conhecemos de há muito, os dous moços, como applicados e distinctos, e por certo não iriamos agora avaliar a sua illustração pelos trabalhos que defenderam perante a faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

Agradecemos.

2 cartões de convite da Academia Imperial das Bellas Artes para a distribuição dos premios aos artistas e alumnos que se distinguiram na Exposição do anno passado e no anno escolar; solemnidade que terá logar hoje, no Conservatorio de Musica, ás 11 horas da manhã.

— *Queridinha*, quadrilha por João R. F. Maia.

— *A Terra da Redempção*, commemoração do primeiro anniversario da Libertação do Ceará; anno III, n. 5. Neste numero collaboram muitos escriptores distinctos e de merito reconhecido, cuja ennumeración seria demasiado longa.

TRATOS A' BOLA

D. Pastel recebeu nada menos de 39 cartas contendo decifrações referentes aos seus *Tratos* ultimos.

Dessas apenas nove são dignas de nota. Vieram assignadas pelos seguintes charadistas: *José da Costa e Silva, Carez, Uma leitora d'A Semana* (residente na Rozeta—Barra Mansa), *Fricinal Vassic, Philomeno, Josephina B., Germano Calado, Moacyr e Indio Pardalino*.

O primeiro premio pertence ao Sr. José da Costa e Silva. Os segundo e terceiro premios pertencem... a *D. Pastel* (até segunda ordem) pois não appareceram candidatos verdadeiramente habilitados a possuil-os.

Portanto, *seu* Silva, póde, sem mais *aquella*, vir receber o almanack do *Figaro*. O senhor é um heróe. *D. Pastel* pede licença para cumprimental-o... cordalmente.

As Sras. *Josephina B., Uma leitora d'A Semana*, e os Srs. *Carez e Indio Pardalino* acceitem—com verdadeiro jubilo, se fôr possível,—o diploma de *tope-tudos*, que bem mereceram decifrando as calimburguescas.

Aqui vão todas as decifrações:

Das telegraphicas — *Mocotó e Belladonna*; do enigma—*1049*; da verbal—*Porticella*; das iniciaes — *Este mundo é um vale de lagrimas*; da antiga — *Barbavan* e das calimburguescas — *Arção (ar-são) e Condescendentes (condes-sem-dentes)*.

Para hoje temos o seguinte:

TELEGRAPHICAS

1—1—Pego no paletot.
1—1—Lona vòa.

ANTIGAS

Isto é cousa de animaes—2
Passa n'um panno qualquer—3
Cousa á tóa, bem á tóa.
Quer de homem, quer de mulher.

Uma, é templo;
Duas, é sonda;
Com L e dous X
Em letra redonda.

LOGOGRIPO

(*Por syllabas*)

Todos temos, 3, 4
Vasilha, 2, 1
Não ha, 1, 4
Dá bons fructos, 3, 5
Apparecimento.

NOVISSIMAS

3—2—Esta nympha e este parente, é da igreja.

1—1—No aipim esta comida é forte.

AUGMENTATIVA

(*Por syllabas*)

Com esta letra—, veste-se a—, e brilha muito a—.

Para acabar, uma novidade; não de todo nova, é certo, mas que tambem não é das mais velhas.

Trata-se das

ANTE-POSTAS

Chrismamos com esse nome as charadas que o seu autor, o padre José Thomaz Fernandes (de Castello-de-Vide), offereceu ao *Almanach de Lembranças de Rodrigues Cordeiro*, sob o nome de *Castello-Vidense*.

Como não são bastante conhecidas, reproduzimos aqui, antes de apresentar alguma d'essa especie, a explicação que se encontra n'aquelle almanach.

E' a seguinte:

« Consistem estas charadas d'uma simples phrase, composta de tantas palavras quantas são as syllabas da palavra que se quer decifrar, e mais uma, que poderemos chamar conceito, porque é auxiliadora da decifração. A cada uma d'essas palavras juntando e antecedendo (isto é: ante-pondo) uma syllaba, deve obter-se um substantivo. A reunião das syllabas que se juntarau dá a chave da charada.

Exemplo:

Daria este caro berço.

Juntando-se á primeira palavra—*pa*—teremos o substantivo *padaria*; á 2ª—*tri*—teremos o substantivo—*Trieste*; e á 3ª—*a*—teremos *acáro*, substantivo.

As tres syllabas que se juntaram dão a palavra *Patria*.—berço de nós todos. E' chave da charada. »

Agora temos a honra de offerecer aos Srs. *habitués* dos *Tratos á bola* a seguinte ante-posta:

Teta rifa, masco o burro.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar da *Evangelina*, poema de Longfellow, traduzido por Americo Lobo. Ao segundo um exemplar do poemeto—*Colombo e Nenê*.

D. PASTEL.

CONSULTAS

Sr. M. R. (Pilar das Alagôas).—Observamos-lhe, como já temos feito a varios consultantes que, para que possam ser respondidas, devem todas as consultas vir assignadas, de fórma a podermos verificar se as pessoas que pedem informações ou conselhos á *Semana* são as-

signantes d'ella. Entretanto, respondemos-lhe afirmativamente: o tal escriptor estapafurdio, de estylo inqualificavel, frequentador acerrimo dos *apellidos* da *Gazeta* e um *astronomomaniaco*, uma curiosa variante do sempre lembrado *Mal das Vinhas*.

Sr. JULIO TAVARES.—Sua consulta foi respondida no dia 16 do corrente.

Sr. ARTHUR DE ANDRADE (Santos).—Respondemos á sua consulta bibliographica, pelo correio, a 17 do corrente.

Sr. LUDGERO DE SOUZA VIANNA.—Não nos foi possível comprehender o fim da sua consulta. Está um pouco obscura. Explique-a melhor e responder-lhe-hemos como pudermos.

CORREIO

Sr. JULIUS STEEN.—Agradecemos-lhe a lembrança. E' muito possível que nos aproveitemos d'ella.

Sr. DIMOR (Serraria)—Não, senhor.

Sr. NICOLAU CARDOSO.—Venha assignar *A Semana* e depois lhe responderemos á consulta.

Sr. BELMIRO DA SILVA FIGUEIRÓ.—Tenha paciencia, mas não póde ser.

Sr. MARIO.—Agradecemos-lhe a amabilidade com que attendeu a nossos conselhos. Continue a trabalhar e não desespere. Quem porfia... publica versos.

ANNUNCIOS ESPECIAES

Aluga-se um *improviso* de primeira qualidade, para recepções de politicos no caes Pharoux. Este excelente *improviso* está feito de maneira tão artistica que pode servir para saudar politicos de todos os credos:—conservador, liberal ou republicano. Basta uma simples mudança de palavras para accommodal-o ás crenças partidarias do *chegado*. Tem trinta e duas chapas, e as vacillações de gaguejamento proprias de um *improviso* improvisado. Para tratar—na redacção do *Brazil*.

N. B.—Póde ser alugado mensalmente ou por vez, conforme o trato.

Aluga-se ou vende-se um dilemma novo em folha. Tem as pontas bem afiadas. Muito proprio para polemicas philosophicas. Pode tambem servir de espeto para assados. Trata-se no *Centro Positivista*.

Aluga-se uma casa de paletot, forrada de novo, para um botão solteiro e de bons costumes. Se poder ser de rosa, melhor. Na alfaiataria *Estrella do Brazil*.

Precisa-se de um pouco de syntaxe de concordancia e de regencia na *Folha Nova*.

Principalmente da de regencia. Paga-se bem. E expõe-se o genero na vidraça, para chamar freguezia.

Precisa-se de umas costas condescendentes para experimentar bengalas, na fabrica das ditas, em Petropolis. Paga-se bem.

ANNUNCIOS

O **advogado** Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

A SEMANA

(PUBLICA-SE AOS SABBADOS)

Director — VALENTIM MAGALHÃES

REDACTORES:

**Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Filinto de Almeida,
Luiz Murat e Urbano Duarte.**

COLLABORADORES:

**Alberto de Oliveira, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Gaspar da Silva,
Joaquim Serra, Luiz de Andrade, Julia Lopes, Luiz Delfino, Lucio de Mendonça, Machado de
Assis, Manoel da Rocha, Pedro Americo, Raul Pompeia, Raymundo Corrêa
e outros muitos escriptores distinctos.**

A Semana — que ora entra no segundo trimestre, — não é propriamente uma revista, como as que até hoje tem havido. Publicação hebdomadaria, tem, no entanto, o caracter de um jornal diario.

O seu fim principal é este: — fazer a historia completa e fiel da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso tem secções em que se occupa com tudo quanto tenha sido feito na semana em — sciencias, artes, letras, commercio, industria, costumes, religião, etc., offerecendo aos leitores uma curta noticia, satisfactoria e imparcial, de todos os factos que em todos esses ramos de actividade se tenham realisado nos sete dias decorridos.

No intuito de auxiliar os jovens escriptores de talento, aceitará **A Semana** qualquer trabalho litterario em harmonia com a sua indole e o seu programma, publicando-o, e pagando-o ao seu auctor, de conformidade com a tabella da folha. A primeira das condições para a acceptação d'esses trabalhos é a responsabilidade de seus auctores. Embora sejam publicados com pseudonymo, exige-se que os originaes tragam a assignatura authentica do auctor.

VANTAGENS DOS ASSIGNANTES

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal: — Têm direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de tres linhas, uma vez por mez.

— Têm igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publicar. E ella publicará um supplemento ou boletim, — que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis, — sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

— Além d'isso, — e esta é a principal vantagem, — tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto fôr importante. Obriga-se a redacção a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa: — pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assignantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. **A Semana** é o primeiro jornal que o apresenta, no Brazil.

N. B. — Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA:

PARA A CAPITAL

TRIMESTRE. .. 2\$000; SEMESTRE... . 4\$000; ANNO. . 8\$000.

PARA AS PROVINCIAS

SEMESTRE. 4\$000; ANNO. 8\$000.

ASSIGNATURA ESPECIAL

De Abril a Dezembro de 1885. 6\$000

NUMERO AVULSO—100 RÉIS; ATRAZADO—200 RÉIS

ESCRITORIO DA REDACÇÃO E GERENCIA.

(ABERTO DAS 8 DA MANHÃ ÀS 6 DA TARDE)

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

Rio de Janeiro. — Typ. da GAZETA DE NOTICIAS. — 1885.